

# LEITURA E INTERAÇÃO EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Edilma de Lucena Catanduba – UEPB  
[edilmacatanduba@superig.com.br](mailto:edilmacatanduba@superig.com.br)

Marineuma Oliveira Cavalcante – UFPB  
[marineumaoliveira@gmail.com](mailto:marineumaoliveira@gmail.com)

## Introdução

Este trabalho objetiva refletir sobre os objetivos e peculiaridades de estratégias discursivas usadas na elaboração de sentidos para as histórias em quadrinhos em diferentes suportes. Compreendemos as histórias em quadrinhos como um gênero multimodal, no qual diferentes códigos dialogam.

Fundamentamos nossa pesquisa em pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e de estudos voltados para os gêneros, principalmente, apoiando-nos em estudos de Bakhtin (2000), sobre a concepção de gênero do discurso, Foucault (2002) sobre a ordem do discurso, Dolz & Schneuwly (2004) sobre gêneros orais e escritos, Dionísio (2013) e Marcuschi (2008), sobre a funcionalidade dos gêneros, Ramos (2013) e Mendonça (2002), sobre a definição e caracterização do gênero quadrinhos e Koch e Elias (2006), sobre estratégias de leitura, dentre outros.

Nessa perspectiva teórica, o processo de produção de um discurso é caracterizado por uma série de formações imaginárias que designam o lugar que os sujeitos atribuem cada um a si e a outrem. Há, também, por parte de cada indivíduo, uma suposta antecipação dessas representações. De acordo com esses mecanismos discursivos, todo sujeito tem a capacidade de se colocar numa posição em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras, antevendo os sentidos que estas produzem.

Os interlocutores participam ativamente do processo discursivo e do jogo de valores que o organizam. Interagem com os textos e através deles e, para esta interação, evocam outros textos, outras vozes. Os prováveis leitores têm influência sobre a forma da escrita e sobre o próprio tema. Também exerce papel constitutivo nas interações o próprio gênero utilizado. Observamos que as especificidades do gênero e sua funcionalidade têm relação direta com as elaborações discursivas.

Assim, a discussão que propomos abrange a apreciação das características do gênero quadrinhos, aspectos de sua multimodalidade, aspectos da elaboração dos sentidos, as inferências, a função do gênero, as relações dele com outros gêneros, a intertextualidade, possibilidades de interação que oferecem aos internautas, as possibilidades de leituras que esse gênero oferece aos leitores que acessam outros suportes. Também tratamos da relação da ferramenta da comunicação virtual com as possíveis formações discursivas implicadas na interação autor/leitor, através das histórias em quadrinhos.

Dividimos o texto em dois momentos. No primeiro momento, situamos os quadrinhos entre os gêneros do discurso. Em seguida, focalizamos as estratégias de leitura acessadas pelo leitor dos quadrinhos. Na sequência, tecemos nossas considerações finais.

## 1. Quadrinhos: um gênero do discurso

Situamos os gêneros quadrinhos entre os gêneros do discurso. Para tanto, apoiamos-nos em Bakhtin (2000). Para ele, as atividades de nosso cotidiano, sejam elas de quaisquer esferas, são realizadas com a utilização da língua. Assim, cotidianamente, a língua é posta em atividade, através de enunciados atualizados nas modalidades oral e/ou escrita. Esses enunciados estão intimamente relacionados às condições específicas de produção, às necessidades que emergem das práticas sociais dos sujeitos. A partir dessas necessidades interacionais, é que os mecanismos fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos são mobilizados para a elaboração de artefatos linguísticos humanos, os quais refletem os propósitos, as finalidades específicas da interação situadas na esfera de atividades dos sujeitos envolvidos no processo. E esses reflexos são perceptíveis, primeiramente, pelo tema recortado, pelos cortes nos mecanismos da língua, pela forma como esses cortes são realizados, no que diz respeito ao estilo e pelo conjunto do construto, ou seja, pela formatação composicional. Assim, conforme o autor, no enunciado, o conteúdo ou tema, o estilo verbal e os propósitos interacionais integram-se, indissolúvelmente, e esse todo do enunciado converge para determinada esfera comunicacional. Nos termos de Bakhtin (2000, p. 279),

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

Nas palavras do mestre, a associação entre o gênero do discurso e as atividades humanas é clara. Essa relação nos leva a compreender que, à medida que são infinitas as possibilidades da atividade humana, assim também são infinitas as possibilidades de aparecimento de novos gêneros.

É nessa concepção de gênero discursivo que situamos o gênero quadrinhos, objeto de reflexão deste artigo. Assim, consideramos como pertencentes ao gênero quadrinhos charges, cartuns, histórias em quadrinhos. Os elementos que nos autorizam a fazer essa relação são da ordem do tema e da ordem da escolha linguística.

Nesse artigo, tomamos como exemplos, histórias em quadrinhos da turma da Mônica criança (Mônica, Cascão, Cebolinha, Magali etc.), de Chico Bento e de tirinhas da menina Mafalda.

Nas histórias da turma da Mônica e também nas de Chico Bento, no tocante ao aspecto discursivo, observamos a predominância de temáticas pertinentes ao universo infantil. Nas histórias em quadrinhos escritas por Maurício de Souza, a temática da higiene aparece através do personagem *Cascão*, a relação de competição entre meninas e meninos é uma das temáticas dos personagens Mônica e Cebolinha e o namoro aparece através do personagem de Chico Bento e sua namorada Rosinha. Nas revistas dessa turma, a relação da criança com o mundo da fantasia, com os medos e com as descobertas são temáticas recorrentes. As formações discursivas das histórias de Maurício de Souza apontam para enunciados que perpassam as esferas da família e da escola, em um contexto cultural que une a cidade e o campo. Vejamos as histórias em quadrinhos abaixo:

Figura 1



Figura 2



O texto da figura 1 (coletado da revista Chico Bento, 2013, nº 81, p.82) reporta o leitor ao cenário da vida rural e da relação de Chico Bento com as frutas. O texto da figura 2 (coletado da revista Mônica, 2012, nº 65, p. 82) trabalha com o tema da competição entre Mônica e Cebolinha, a qual quer que este saiba que ela é bonita, pois o mesmo costuma chamá-la de dentuça.

Nas tirinhas da menina *Mafalda*, escritas pelo cartunista Quino (Joaquim Lavado), há um movimento discursivo que extrapola o universo infantil em direção à crítica social. Como afirma Luiz Costa Pereira Junior em artigo intitulado “A linguagem pelo olhar de Quino” (publicado na revista *Língua portuguesa*, de setembro de 2014, pp. 52 a 57),

Quino inventara o núcleo familiar da menina para uma campanha publicitária de eletrodomésticos, que terminou cancelada. Politizada e observadora, a garota marcou gerações ao desconstruir a mentalidade, as convenções e conveniências de classe média, num universo marcado por desigualdades e autoritarismo, rachado pela guerra fria e pelas ditaduras militares.

Quanto ao aspecto relativo às escolhas linguísticas, os estilos se diferenciam entre os autores do gênero quadrinhos, de acordo com a esfera de atividades nas quais as temáticas estão inseridas.

Recorrendo aos gibis de Maurício de Souza, na representação dos personagens crianças, observamos um trabalho artístico com a linguagem que, de modo geral, tem uma sintaxe simples, com léxico apropriado e variação linguística adequada. Aliás, sobre a variação linguística nos gibis, vale ressaltar o que mostra Marcos Bagno (2007). Para ele, a variação não padrão que aparece em Chico Bento serve para criar uma “atmosfera peculiar” do universo sociocultural diferente do universo urbano letrado representado pela ortografia oficial. O uso de variação não padrão não teria razão de ser, do ponto de vista do discurso, na fala de Mafalda.

Ainda no tocante à variação linguística, as histórias em quadrinhos, em geral, trabalham com a língua viva de modo que, fazendo-se uma comparação entre as edições antigas e as mais recentes dos gibis de um mesmo personagem, é possível perceber a evolução da língua. É o que mostra um estudo feito por Jean Lauand intitulado “O laboratório de Tio Patinhas” (revista Língua portuguesa, nº 9 do ano de 2006, pp. 18 a 23). O estudo, que tomou como referência diversas edições da HQ Tio Patinhas e os Índios Nanicós publicadas entre 1958 e 2004, observou a evolução de vários aspectos léxico-gramaticais da língua, como, por exemplo, o uso dos pronomes cuja evolução é apresentada no quadro abaixo, publicado na página 19 da revista citada.

Figura 3

	1958, 1967	1982, 1988	2004
[7,2] (7ª página, 2º quadrinho)	“Vou cobrar-lhes aluguel”	“Vou cobrar aluguel deles”	“Vou cobrar aluguel”
[9,5]	“Diga-lhes...”	“Diga pra eles...”	“Diga a eles...”
[22,3]	“Segure-o, tio Donald”	“Segure, tio Donald”	Segura ele, tio Donald”

De acordo com quadro, entre 1958 e 2004, o uso do pronome nas historinhas vai se modificando. O pronome “lhes” aparece nos textos de 1958 e 1967 empregados de acordo a norma gramatical padrão como objeto indireto do verbo cobrar. Nos textos de 1982 e 1988, o pronome “lhes” dá lugar ao pronome lembrete “deles”. Essa forma também tem a função de objeto indireto, mas distancia-se um pouco da língua escrita padrão e aproxima-se da fala cotidiana e informal. No texto de 2004, o objeto indireto sofre apagamento, seguindo uma tendência da linguagem coloquial de apagamento. Esse movimento do padrão culto da modalidade escrita ao não padrão coloquial falado também ocorre com o pronome “o” na função de objeto direto do verbo segurar.

Ao final de sua pesquisa, o autor conclui que as mudanças verificadas na escrita fazem parte das estratégias discursivas do próprio gênero com vistas a aproximar autor e leitor, conforme indica o comentário que acompanha o título do artigo, feito pelo próprio Lauand (p. 18 da revista citada): Laboratório de Tio Patinhas “Cinco vezes

publicada em meio século, história da Disney mostra esforço da indústria cultural em tentar acompanhar as mudanças de linguagem de cada geração”.

O estilo, o trabalho com os mecanismos da língua refletem o aspecto interacional da linguagem, na medida em que, para compreendê-los, é preciso levar em consideração os contextos social, histórico, cultural nos quais se inserem os interlocutores. Assim, é necessário saber quem são os sujeitos que interagem, quais os seus propósitos, quais os conhecimentos prévios (referentes ao campo ideológico, das formações discursivas, como também referentes aos aspectos semióticos, multissemióticos ou multimodais, dos quadrinhos) que precisam ser partilhados por eles. Em outras palavras, é preciso saber que os interlocutores estão inseridos em contextos históricos, sociais, culturais que podem ser iguais, mas não necessariamente. Esses contextos são, de certa forma, constitutivos do sentido, têm implicações para a elaboração do sentido e para a própria concepção de gênero como “instituição” no sentido em que ele constrói o seu próprio espaço-tempo de legitimação (MAINGUENAU, 1997). Assim, como instituição, obedece a uma ordem do discurso, segundo nos aponta Foucault (2002, p. 8),

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Isso significa que, para cada gênero, há momentos, lugares de enunciação próprios, não sendo possível dizer tudo, de qualquer modo, a qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer momento. Há “rituais específicos”, de modo que o dizer articula-se aos aspectos enunciativos. Desse modo, é preciso olhar os gêneros, dentre eles os quadrinhos, pela ótica da sua funcionalidade. Em outras palavras, uma vez nascem em diferentes esferas da atividade humana a partir das necessidades destas, os gêneros possuem uma funcionalidade e possuem características particulares, assim, em relação às histórias em quadrinhos, cabem as perguntas: Para que servem? Como funcionam?

Para compreender como funcionam as histórias em quadrinhos, primeiramente, temos que considerar que longe de ser um gênero apenas para crianças, as histórias em quadrinhos encantam também os adultos. Estão presentes em diversas áreas da atividade social. Tomemos o exemplo dos quadrinhos no campo do jornalismo. O jornalista Luiz Costa Pereira Junior, no artigo intitulado “Jornalismo em quadrinhos”, veiculado pela revista Língua portuguesa nº 22 do ano de 2007, afirma (na página 23 da citada revista) que “os quadrinhos servem para o jornalista alinhar o enredo, humanizar o relato, recriar situações que não seriam resgatadas de outro jeito, dar contextos e introduzir comentários”. Além disso, o autor mostra que mesmo os quadrinhos tendo uma linguagem que em sua base é lúdica, visto que o trabalho artístico com a linguagem dos quadrinhos a torna rica em ironia e humor, seu uso não compromete a credibilidade do jornalismo porque também nos quadrinhos, os fatos são recriados com rigor.

Ironia e o humor são constitutivos dos quadrinhos, em maior ou menor grau, a depender da funcionalidade, das estratégias de discursividade desse gênero e os domínios discursivos que perpassam. Os quadrinhos abaixo exemplificam a presença de diferentes domínios discursivos:

Figura 4



Revista Língua Portuguesa, 2010, nº 25, p. 38.

Figura 5



Revista Língua Portuguesa, 2010, nº 25, p. 39.

Figura 6



Revista Língua Portuguesa, 2010, nº 25, p. 39.

O primeiro quadrinho (Aulas de línguas e redação) remete o leitor para uma crítica sobre a relação entre pais e filhos. A segunda história em quadrinhos insere-se no campo discursivo da concepção de cidadania. E o terceiro quadro aponta para a discussão sobre a concepção de filosofia.

Não é fácil classificar os gêneros porque, como dissemos, os gêneros surgem emparelhados às necessidades comunicacionais e como estas são infinitas, assim

também não é possível quantificar os gêneros. Além disso, os gêneros dialogam entre si de modo que novos gêneros surgem a partir de velhas bases, como é o caso do e-mail, que constitui uma evolução das cartas pessoais. Desses fatos, decorre a dificuldade de classificar os gêneros, de caracterizá-los. Dadas essas especificidades do gênero, Marcuschi (2002, p. 20) afirma que:

Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas.

O autor aponta o domínio discursivo como uma possibilidade de agrupar os gêneros. No caso dos quadrinhos, observamos que eles perpassam diversas esferas de atividades humanas. O jornalismo, a literatura, o livro didático entre outros utilizam os quadrinhos. Em cada um desses espaços e de acordo com os suportes de circulação, os quadrinhos vão se transformando em função da interação comunicacional e absorvendo características próprias das instâncias de formação discursiva na qual se inserem.

## **2. Ajustando a lupa nas histórias em quadrinhos**

Inicialmente, os quadrinhos aparecem nas pinturas rupestres, como forma de comunicação não verbal associadas às atividades de sobrevivência das comunidades como a caça. Nesse contexto, uma de suas finalidades era estabelecer uma espécie de registro do trabalho da caça que apontavam qual o animal caçado, a parte do corpo atingida, etc. Ao longo do tempo, em consonância com o desenvolvimento da cultura escrita, os quadrinhos surgem, inicialmente, em periódicos de jornais e foram ganhando público e espaço de publicações especializadas como os gibis. Hoje, os quadrinhos têm seu espaço garantido no jornal, mas circulam em muitos outros veículos midiáticos e como dissemos perpassa vários domínios discursivos.

No percurso entre a pré-história e os dias atuais, os quadrinhos evoluíram muito e em diferentes aspectos, dentre eles destacamos a simultaneidade das linguagens verbal e não verbal. É o que aponta a definição de Cirne (2000, p. 23-24, apud Mendonça, 2002, p. 195), “Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes esses que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”.

O gênero quadrinhos têm variadas formatações que, mesmo tendo cada uma delas tons específicos, mantêm entre si características comuns, “tendem a ser narrativas, mesclam os códigos verbal escrito e visual e se valem de uma linguagem própria, a dos quadrinhos (balões, apêndices, quadros, onomatopeias, linhas de movimento ou cinéticas etc)” (RAMOS, 2013, p. 104). Esta multimodalidade oferece ao leitor, em sua tarefa de elaboração de sentido, o desafio de articular os diferentes códigos, de ler as informações explícitas e implícitas. Os implícitos do texto são dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo [...] dos participantes da interação” (KOCH e ELIAS, 2006, p. 11).

As técnicas empregadas nos quadrinhos dialogam com técnicas empregadas no cinema e nos desenhos animados, especialmente os quadrinhos vinculados por meios virtuais. Porém, os quadrinhos impressos pelo seu caráter estático requerem do leitor

maior esforço cognitivo no sentido de usar estratégias cognitivas para completar sua elaboração de sentidos para o texto. Vejamos os quadrinhos abaixo.

Figura 7



Revista Língua Portuguesa, 2014, nº 107, p. 57.

Figura 8



Figura 9



Na leitura da tira de Mafalda (coletada da revista Língua Portuguesa, 2014, nº 107, p. 57), o leitor precisa acionar seus conhecimentos prévios para fazer inferências sobre a crítica que Mafalda tece ao ensino aplicado pela professora. O mesmo se dá no que se refere ao texto de Chico Bento (coletado do Almanaque do Chico Bento, 2012, nº 34, p. 82). Estabelecer sentido para a sequência dos quadrinhos que termina com o personagem sendo carregado em estado de choque para o médico requer o resgate de informações referentes ao fato de que ele não costuma tirar boas notas e ficou

profundamente surpreso com o resultado apontado pela professora. No quadro de Cebolinha (coletado do Almanaque do Cebolinha, 2013, nº 39, p. 82), o leitor precisa fazer um intertexto com outros textos em que Mônica consegue bater em Cebolinha de qualquer forma, pelo xingamento de dentuça, na elaboração de sentido para o texto.

### **Considerações finais**

Terminamos nossa reflexão com uma questão? Quem disse que histórias em quadrinhos é coisa de criança? No âmbito do senso comum, as histórias em quadrinhos são exclusivas para crianças. De fato, entre crianças e jovens, elas são muito bem aceitas. Porém, o público adulto tem lido cada vez mais os quadrinhos. Eles circulam em materiais impressos como revistas, livros e em meios virtuais. As charges, os cartuns são bastante acessados em sites da internet. Este suporte possibilita ao leitor a leitura de quadrinhos estáticos, mas, e principalmente, a leitura de quadrinhos dinâmicos que contam com semioses múltiplas que convergem para a elaboração de sentidos.

No tocante ao aspecto formal, observamos que há espaços de maior ou menor dos quadrinhos, de acordo com sua formatação. Os gibis, por exemplo, por serem mais longos, constituem, eles mesmos, seu próprio espaço. As tiras predominam em jornais e revistas por questões de economia de espaço. Charges e cartuns são frequentes em publicações que variam em relação à periodicidade, que pode ser diária, semanal ou mensal.

No que se refere à interação autor/texto/leitor, as relações de elaborações de imagem que um tem do outro é constitutiva dos quadrinhos, porque a seleção das temáticas e a escolha léxico-formal são influenciadas pelos prováveis leitores. O público de Mafalda tem características específicas em relação ao público da turma da Mônica, do Chico Bento. As formações discursivas também refletem a onipresença do leitor provável.

Vale ressaltar que os quadrinhos admitem uma mescla de tipologias e possibilitam o diálogo entre gêneros diferentes, pela via da intertextualidade. Possibilitam também a hibridização. Assim, embora saibamos que predomina a tipologia narrativa, não raro observamos exposições e injunções. Também é possível termos uma poesia com formatação de quadrinhos, uma crônica, um artigo de opinião, uma reportagem, a quadrinização de clássicos da literatura etc.

O percurso dos quadrinhos tem, nas últimas décadas, conseguido romper as barreiras da sala de aula. Durante muitos anos, esse espaço esteve fechado para os quadrinhos porque eram considerados textos de qualidade menor, literatura de baixa qualidade, quando comparados à literatura clássica. Hoje, a escola reconhece que os quadrinhos unem as modalidades oral e escrita em um texto/discurso que, por suas características específicas, exige do leitor um minucioso trabalho de compreensão de sentidos ocultos, implícitos e este trabalho é essencial para o desenvolvimento da compreensão leitora. Assim, os livros didáticos oferecem aos seus leitores a leitura dos quadrinhos, especialmente das tiras. Embora as atividades propostas pelo livro didático para a leitura da tira não seja a ideal do ponto de vista interacional, visto que muitos utilizam as tiras para o estudo da nomenclatura gramatical, o fato da presença dos quadrinhos neste espaço já é um avanço. Mecanismos de avaliação como ENEM trazem a leitura de quadrinhos como desafios para os candidatos. Essa prática reforça o reconhecimento dos quadrinhos como ferramenta importante para o desenvolvimento da leitura enquanto prática social.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução Marina Appenzeler]. – 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BUNZEN, Clécio, MENDONÇA, Márcia (Orgs.) *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Raquel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- DOMINIQUE, Mainguenu. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda da Indursky; revisão dos originais da tradução Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Ponte: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.
- KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. – São Paulo: Contexto, 2006.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Raquel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- RAMOS, Paulo. A leitura oculta: processos de produção de sentido em histórias em quadrinhos. In BUNZEN, Clécio, MENDONÇA, Márcia (Orgs.) *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Escala Educacional. Edição nº 25 – 2010
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento. Ano 1 – nº 9 - 2006
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento. Ano 9 – nº 107 – Setembro de 2014
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento. Ano II – nº 22 – 2007
- SOUZA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. São Paulo: Editora Panini Comics, nº 34 – agosto de 2012.
- SOUZA, Maurício de. *Chico Bento*. São Paulo: Editora Panini Comics, nº 81 – setembro de 2013.
- SOUZA, Maurício de. *Almanaque do Cebolinha*. São Paulo: Editora Panini Comics, nº 39 – Maio de 2013.
- SOUZA, Maurício de. *Mônica*. São Paulo: Editora Panini Comics, nº 65 – Maio de 2012.

